

Apresentação

O presente número dos *Cadernos Benjaminianos* reúne um conjunto de nove textos que tem como objetivo aprofundar a reflexão acerca do pensamento do autor alemão e, a partir de seus conceitos e considerações sobre tempo, memória, arte e história, busca analisar obras de autores como Jorge de Lima, Paul Auster, Machado de Assis e Luiz Fernando de Carvalho. Observa-se, assim, a atualidade e fertilidade dos cenários teóricos propostos por Walter Benjamin, tanto no âmbito acadêmico brasileiro quanto no internacional.

Dessa forma, Augusto Leite, com base na leitura de Paul Ricoeur, tece considerações sobre “A tarefa do tradutor”, mais especificamente sobre o caráter messiânico da língua pura ou língua da verdade. Luciana Silviano Brandão Lopes, por sua vez, procura estabelecer uma conexão entre o trabalho de tradução, de acordo com Benjamin, e a narrativa de testemunho. Ao discutir a finalidade da tradução, aponta para a tentativa de dar expressão à relação mais íntima entre as línguas, em direção à língua pura.

Em seu artigo, Maria João Cantinho detém-se sobre a presença do Messianismo no pensamento de Benjamin, através do conceito de “violência revolucionária”. Tal conceito, por outro lado, remeteria a uma compreensão da história como descontínua e passível de interrupção. Também refletindo sobre um tempo constelar, múltiplo, não-linear e heterogêneo, Lara Spagnol aproxima essa concepção benjaminiana do tempo à *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e à sua adaptação televisiva, *Capitu*, de Luiz Fernando Carvalho.

Com base na discussão sobre a montagem, realizada por Benjamin em “A obra de arte na era da reproduzibilidade técnica”, Patrícia Carmello apresenta um estudo sobre as fotomontagens de Jorge de Lima, produzidas entre os anos 1930 e 1940, reunidas e publicadas em *A pintura em pânico*, de 1943. Já Vivian Bernardes Margutti realiza uma interpretação alegórica do romance *No país das últimas coisas*, de Paul Auster, tendo como base o ensaio “A origem do drama barroco alemão”, de Walter Benjamin. Segundo Vivian Margutti, Paul Auster dialoga com a tradição literária e com a sociedade e a cultura contemporânea através da utilização da alegoria.

Em “Charles Baudelaire: modernidades segundo Walter Benjamin”, Elder Mourão comenta aspectos da obra de Baudelaire que determinam sua inscrição na modernidade, tais como o compromisso com o passado e o abandono do sentimentalismo romântico, assim como a predisposição para a tristeza e o tédio. Sérgio Henrique da Silva Lima, por sua vez, aborda o pensamento de Giorgio Agamben e Walter Benjamin em sua discussão sobre o caráter de uma filosofia inominável, que defende a “re-estruturação” do pensamento especulativo como um fazer que pressupõe a *poiesis*.

Por fim, contamos também com a tradução realizada por Georg Otte da conferência intitulada “Dürer e a antiguidade italiana”, proferida por Aby Warburg, na 48ª Assembleia dos Filólogos e Professores de Hamburgo, em outubro de 1905. Através desse texto, temos a oportunidade de observar o método utilizado pelo historiador de arte e teórico da cultura em sua análise da “Morte de Orfeu” (1494), de Albrecht Dürer, e da

gravura anônima que lhe servira de modelo. Nesse estudo, Warburg aponta um significativo exemplo de reinserção da antiguidade na cultura moderna, particularmente relacionado a uma determinada corrente do *pathos*.

No conjunto, os artigos aqui publicados constituem instigantes panoramas de pesquisas desenvolvidas em torno do pensamento benjaminiano em sua interlocução com a literatura e demais artes. Além disso, este número dos *Cadernos* convida também seus leitores a uma breve, porém profunda, imersão no universo de Aby Warburg.

Elisa Amorim Vieira